

DIFERENÇAS DE GERAÇÕES E A GERAÇÃO DO *BULLYING*

Lucas Coelho (UFMG)

RESUMO: Algumas ferramentas da semiótica greimasiana serão utilizadas para análise do percurso gerativo de sentido de um texto sobre *bullying* publicado na *internet*. o texto apresenta o posicionamento crítico de um pai português sobre a questão, levantando hipóteses sobre as razões deste fenômeno e realizando comparações entre a trajetória na infância e adolescência da geração atual e de sua geração. os focos das análises serão as modalizações dos sujeitos e os percursos narrativos dos envolvidos em situações onde se caracteriza o *bullying*, tentando mostrar a base lógica das afirmações e suposições apresentadas no texto.

PALAVRAS-CHAVE: *Bullying*. Nível narrativo. Semiótica greimasiana.

INTRODUÇÃO

Este estudo foi realizado como parte das tarefas de uma disciplina de Pós-graduação da Faculdade de Letras da UFMG. Foram dadas instruções para que se coletasse algum texto *online* relevante sobre *bullying*, sobre o qual se deveria realizar uma análise segundo a teoria semiótica greimasiana.

A nomenclatura teórica aqui utilizada está de acordo com o exposto em Lara e Matte (2009), compreendendo um vocabulário extensamente utilizado por aqueles que trabalham com a semiótica greimasiana. Não obstante, havendo ambiguidade quanto a algum significado ou sentido aplicado, tem precedência o exposto nesta referência.

Segundo os precursores da teoria, não há salvação fora do texto; logo, este será o guia de todas as análises e discussões apresentadas. Inicialmente será apresentado, de forma resumida, o escopo teórico aqui utilizado, seguido de uma pré-análise do texto tomado como objeto, explicitando-se seus pontos principais, e, por fim, sua análise semiótica.

1 ESCOPO TEÓRICO

A semiótica greimasiana vê o signo como um sistema quaternário, compreendendo dois planos, o da expressão e o do conteúdo, ambos "articulados em forma e substância" (LARA; MATTE, 2009, p. 96). O percurso gerativo de sentido "organiza a forma do conteúdo" (Ibid., p. 97) e se divide em três níveis: o fundamental, o narrativo e o discursivo, indo do mais abstrato ao mais complexo, sendo "cada um [...] acionado diferentemente, conforme o texto" (Ibid., p. 19).

A base do nível fundamental são as oposições semânticas (claro X escuro, cheio X vazio, vida X morte), a partir das quais são estudadas, por exemplo, as forias, tensões, e gradientes. O nível narrativo trata das relações entre sujeitos e entre estes e objetos, estudando, dentre outras coisas, suas junções, as modalizações dos sujeitos, suas emoções e paixões e os contratos fiduciários. Já o nível discursivo é mais superficial e o primeiro contato do analista com o texto, onde se podem estudar as dimensões temporal e espacial deste, os temas, figuras, isotopias, etc.

No presente estudo, o foco das análises será o nível narrativo. Neste nível são caracterizados estados de conjunção ou disjunção de um sujeito com um objeto, que pode referir-se tanto a coisas como a pessoas, e podem ser representados no texto pelo mesmo elemento (se uma mulher está com saudade de seu amado, ela pode ser vista tanto como sujeito em conjunção com o objeto saudade quanto como objeto do amor do sujeito que a ama).

O percurso narrativo descrito pela semiótica greimasiana pode ser dividido em quatro programas narrativos: manipulação, competência, ação ou performance e sanção. Um sujeito potencial pode ser manipulado por outro e modalizado a /querer/ ou /dever/ fazer algo, o que o virtualiza, o torna sujeito virtual. Se este for dotado de competência, com as modalizações para /saber/ e /poder/ fazer, será então atualizado. Quando executar a ação será, enfim, um sujeito realizado.

Por fim, contratos fiduciários são contratos estabelecidos implicitamente entre um destinador e um destinatário, que podem ser o enunciador (autor do texto) e enunciatário (leitor-interpretador), narrador e narratário, etc. A fidúcia em questão se refere a uma imagem-fim, que pode ser confirmada ou não e, neste caso, gerar insatisfação e decepção no destinatário. Essa imagem-fim "afeta suas escolhas e atitudes durante o percurso" (Ibid., p. 63).

2 TEXTO-OBJETO

O texto *online* mais relevante sobre o tema encontrava-se, quando da criação deste texto, disponível em <<http://www.educare.pt/educare/Opinioao.Artigo.aspx?contentid=7803CC2C098DDB46E0400A0AB8002557&opsel=2&channelid>>. A pré-análise aqui realizada se torna um pouco longa porque é preciso extrair e conectar o máximo de informações do texto, destacando-se alguns aspectos da teoria do percurso gerativo de sentido e cumprindo, assim, com o caráter didático deste trabalho. Nesta seção foram omitidas as referências individuais a cada trecho citado proveniente do texto-objeto (Bernardo, 2010), para não sobrecarregar a leitura.

O enunciador começa estabelecendo um contrato fiduciário com o enunciatário "- antes de começarem a chover pedras - por dizer que [é] pai" de duas crianças e que quer protegê-las "de todos os que possam olhar de lado e pensar que sendo mais fortes, lhes podem fazer mal". A seguir propõe ele próprio, enquanto texto-objeto, um caminho para a análise semiótica, dizendo que "o que [lhes] passa pela cabeça são uma data de disparates"; disparate nos remete a absurdo mas também a disparidade (DISPARATE, 2011) que, por sua vez, nos faz pensar em oposição, base da análise semiótica. O autor destaca que "o mundo mudou" tanto positivamente, quando pensa "no quanto se ganhou, no quão mais facilitada está a vida", quanto negativamente, ao constatar "quão mais pobre está tudo", se referindo à "pobreza de espírito".

A seguir começa a se desenhar a principal oposição semântica deste texto, entre pais presentes, quando diz: "Lembro-me de ser pequeno e contar ao meu pai isto e aquilo e lembro-me de ser grande" e pais (ou responsáveis legais) ausentes, evidenciado pela "capacidade que a sociedade tem de conseguir transpor para fora de casa toda a responsabilidade". Aqui se fala não da presença física dos pais ("Brinquei na rua sem supervisão de um adulto."), mas de se estar presente sendo participativo na vida dos filhos, enquanto educadores primeiros e responsáveis por sua criação.

Após citar diversas estripulias, como apanhar e atirar pedras, correr as ruas, sujar-se e 'fazer' sangue, o autor diz: "Fazia parte". Isso sugere que o contrato fiduciário da infância estipulava esses acontecimentos e sua concretização não gerava insatisfação ou decepção por parte das crianças. Nesse contrato constava, ainda, a imagem-fim de uma postura defensiva, com o objetivo de safar-se, não uma

postura agressiva, e se tal objetivo não fosse alcançado haveria a interveniência dos pais para solução do problema, descartando-se a opção da violência: "Se desse para cumprir, ótimo, senão, queixinhas ao pai que resolvia a coisa o melhor que sabia e podia". O mesmo se aplicava quando ele estava na posição de agressor, já um pouco mais velho: "também devo ter enfezado [...] até que o pai, diligente, eloquente e muito maior que nós, aparecesse".

O autor chama a atenção para a noção de limites que aprendeu com seu pai, que o "ensinou a defender e a correr", "proibiu de levar brinquedos caros [...] para a escola", "deixava levar o estojo fixe com íman para a escola mas só de vez em quando" e "deixava levar uma bola para a rua mas das foleiras porque a de cauchu, só quando ia jogar [consigo]". Reforça ainda a presença constante do pai, que tornou natural o processo de sua infância ("Tudo isto fez parte do meu processo de crescimento."), dizendo: "Sim, o meu pai ia jogar à bola comigo, ia brincar comigo, passava tempo comigo." e nos indica, a seguir, outro fator importante para nossas análises: "Lia os sinais em regime diário.", em contraposição a um trecho anterior em que fez referência ao que é dito nos dias atuais, que devem os pais "dar mais atenção aos sinais".

Outra oposição profícua para análise semiótica que o autor nos aponta se refere ao ambiente familiar e de criação dos filhos pequenos, contrastando o tempo atual com o tempo de sua infância, quando "[n]ão havia playstations e wiis a partir dos 5 anos, jogos de porradaria em barda a partir dos 7" e quando "telejornais [...] era[m] coisa de adultos" e "à hora do jantar conversava-se e ouvia-se música". Diz ainda: "Não havia palavrões à minha frente [nem] havia discussões inflamadas", aproveitando para justificar o uso de um palavrão no bem-humorado título de seu texto.

Ele expressa também sua preocupação com o alardeamento excessivo da questão e atenção demasiada dada a esses fatos e seus personagens com "toda esta discussão acerca do *bullying*", que acaba dando espaço demais para "[p]siquiatras, psicólogos, pedopsiquiatras, pseudo-intelectuais [e] meninos", sendo que "já todos tiveram os seus 15 minutos de fama". O texto toca, ainda, o tema da rotulação que podem sofrer tais crianças, especialmente se analisadas por esses profissionais, com o trecho que foi destacado no início do artigo ("Se calhar fui vítima de *bullying* ou fui *bully*, mas a verdade é que, sem terminologia técnica, limitei-me a ser pequeno até ser grande."), reforçando novamente a naturalidade de seu

processo de crescimento.

No final do artigo é confirmado, de forma explícita, como foi sugerido ao longo de todo o texto, que sempre houve *bullying* em potencial, mas que os pais, sendo mais presentes, podiam ver os sinais de que havia algo acontecendo e interferir antes que o fenômeno se concretizasse: "o *bullying* de hoje são 'os grandes' de ontem e de que os sinais de ontem são os mesmos de hoje". Por fim, reforçando a oposição inicialmente sugerida entre pais presentes e ausentes, são apresentadas outras oposições: "'Passar tempo' em vez de 'perder tempo'. 'Brincar com' em vez de os 'deixar a brincar'. 'Falar com' em vez de 'ouvir qualquer coisa' em ruído de fundo". Além disso, segundo ele o segredo "[é] estar. [...] 'Ouvir' o que têm a dizer e 'perceber' o que pensam, 'como' pensam e 'porque' pensam assim. É abrir os olhos".

3 ANÁLISE

Nesta seção serão feitas análises mais profundas dos pontos principais levantados na pré-análise do texto-objeto, fundamentadas na teoria da semiótica greimasiana. Serão analisados sobretudo os percursos narrativos dos envolvidos em situações onde se caracteriza o *bullying*, observando-se as mudanças de estados de conjunção e disjunção entre os sujeitos e objetos, e as modalizações desses sujeitos por manipulação e competência frente a situações de agressão, bem como alguns detalhes do contrato fiduciário associado, dando fundamentação lógica, segundo a semiótica, às afirmações e suposições apresentadas no texto.

O texto apontou repetidamente para uma oposição entre pais presentes e pais ausentes, o que nos leva a dois percursos narrativos diferentes. De acordo com o texto, a presença participativa dos pais na vida da criança contribuía para seu processo de crescimento, tanto por ensinar-lhes a se safar de situações adversas, como por lhes dar apoio quando algum problema surgia, além de ajudar os filhos a criarem a noção de limites para suas ações. Então, nos termos da teoria semiótica, a presença do pai coloca o sujeito "criança" em conjunção com um objeto que vamos chamar de "esperteza".

Na ausência desse objeto, decorrente, segundo o texto, da ausência dos pais da vida dos filhos, mas frente a uma necessidade de reação quando vítima de agressão, o sujeito "criança" pode entrar em conjunção com o objeto "violência". A possibilidade desse conjunção é reforçada, ainda, pela exposição das crianças a

jogos e telejornais violentos, pois "as pessoas acostumam-se com a violência nas telas e passam a encará-la de maneira natural e ressonante no comportamento diário" (Weber, 2001). Outro fator que pode potencializar ainda mais uma reação violenta, assim como as ações agressivas, é a falta de noção de limites por parte das crianças, que pode decorrer também da falta de presença dos pais, segundo o autor.

O que hoje se trata como *bullying* e, de acordo com o texto, acaba tomando demasiado espaço de discussões, teria sempre existido em potencial, mas os pais, se fazendo mais presentes, podiam ver os sinais e conseguiam interferir de forma preventiva. Numa situação de agressão, a criança agredida é virtualizada enquanto sujeito para a reação, pois ela precisa reagir; logo, é modalizada pelo /querer/ ou /dever/ reagir, para sair daquela situação. A criança cujos pais são presentes e participativos em sua vida está dotada de competência para se safar, se defender; está, assim, modalizada pelo /saber/ e /poder/ reagir com uma postura defensiva, tornando-se um sujeito atualizado. Desta forma, frente a uma agressão, esse sujeito "criança" consegue se safar da situação de agressão e torna-se um sujeito realizado sem violência.

Já a criança que tem os pais ausentes de sua vida, ao ser confrontada com uma situação de agressão (e, portanto, modalizada pelo /querer/ ou /dever/ reagir), não estará dotada de competência para se safar. Mas, como ela precisa se atualizar enquanto sujeito (ou seja, ela precisa sair da situação de agressão, pois esta pode não parar enquanto ela não reagir), não podendo contar com a interveniência dos pais, que não se fazem presentes em sua vida, a criança precisa reagir e se defender sozinha. Como seu exemplo de reação podem ser apenas os "jogos de porradaria em barda" (Bernardo, 2010) ou situações de violência vivenciadas em "telejornais [e] discussões inflamadas" (Ibidem), sua única competência para a reação pode ser a violência; assim, essa criança será modalizada pelo /saber/ e /poder/ reagir com uma postura agressiva, realizando-se um sujeito violento.

Ainda no cenário de pais mais presentes, a criança sabia que, de acordo com o contrato fiduciário de sua infância, se não conseguisse se safar, reagindo à agressão de forma defensiva, poderia recorrer ao pai e que esse o ajudaria, segundo o autor do texto. No entanto, se não se pode contar com a presença dos pais, além de a criança agredida não estar em conjunção com o objeto "esperteza", não estando dotada de competência para uma postura defensiva, também a criança

agressora pode se sentir estimulada a continuar em sua postura violenta, por uma decepção em relação à imagem-fim de ter pais presentes e atuantes em sua vida e uma insatisfação com o contrato fiduciário de sua infância, não havendo a expectativa de interferência e imposição de limites por parte dos pais.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A semiótica greimasiana confirmou, através de abordagens teóricas diferentes, os pontos principais apontados pelo autor do texto. A presença dos pais na infância dos filhos pode ser decisiva para seu processo de crescimento, interferindo de diversas formas em suas atitudes, particularmente no momento de interação com outras crianças, situação em que se dá o fenômeno chamado de *bullying*.

Longe das possibilidades e intenções de um estudo básico como este, fica não respondida a dúvida de como se conciliar "reuniões atrás de reuniões, projetos atrás de projetos" (Bernardo, 2010) de todo pai e mãe com o trabalho de criação de seus filhos, mantendo-se presentes e atuantes em suas vidas, permitindo-os ver a tempo os sinais de possíveis problemas.

Faz-se necessário avaliar também todos os fatores envolvidos nas fases de desenvolvimento de uma criança, para se detectar que fatores culturais e comportamentais podem ser alterados para se reverter este quadro "anormal e lamentável" (Ibidem) por que passam nossas crianças nos dias de hoje.

AGRADECIMENTOS

O presente trabalho foi realizado com apoio do CNPq, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - Brasil.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERNARDO, R. M. *Bull(shit)ying* que é pênalti! In: EDUCARE.PT. Porto: Grupo Porto Editora, 2010. Disponível em: <<http://www.educare.pt/educare/Opinioao.Artigo.aspx?contentid=7803CC2C098DDB46E0400A0AB8002557&opse1=2&channelid>>. Acesso em: 26 nov. 2011.

DISPARATE. In: DICIONÁRIO Priberam da Língua Portuguesa [em linha]. Lisboa: Priberam Informática, 2010. Disponível em: <<http://www.priberam.pt/DLPO/default.aspx?pal=disparate>>. Acesso em: 26 nov. 2011.

LARA, Gláucia Muniz Proença; MATTE, Ana Cristina Fricke. Ensaios de Semiótica: Aprendendo com o texto. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 2009.

WEBER, L. N. D. Videogame e TV... Socorro! UOL, 2001. Disponível em: <http://www2.uol.com.br/aprendiz/n_colunas/coluna_livre/id180201.htm>. Acesso em: 26 nov. 2011.